

A FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES E AS TECNOLOGIAS MUDIÁTICAS NA ESCOLA

MARIA ROSILENE MAUÉS GOMES
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO PARÁ
ROSILENE@CRISTOTRABALHADOR.ORG.BR

RESUMO

O presente estudo reflete a formação continuada de professores e as tecnologias da Informação e comunicação e a sua relação com o processo ensino-aprendizagem dos alunos do PROEJA¹, com o objetivo de investigar se a formação continuada dos professores interfere ou não no processo ensino aprendizagem. Trata-se de um recorte da monografia produzida no curso de especialização em tecnologias da educação pela PUC/RIO², em parceria com a SEDUC/PA³. A pesquisa foi realizada em uma Escola Tecnológica conveniada com o Estado, no município de Abaetetuba, estado do Pará. O trabalho consta de uma revisão bibliográfica e pesquisa de campo em uma abordagem qualitativa, na perspectiva de Chizotti (2010), realizada por meio de observações, entrevistas e questionários. Aponta alguns desafios aos educadores que acreditam que podem realizar um trabalho inovador, utilizando pedagogicamente os recursos que as novas tecnologias trazem para o cenário educacional.

Palavras-chave: Formação continuada de professores - ensino-aprendizagem - educação de jovens e adultos - tecnologias da comunicação e informação.

INTRODUÇÃO

O professor é o primeiro ator que deve mudar sua forma de pensar e agir na educação, pois existe uma grande tendência de repetição, em sala de aula, dos modelos que funcionaram na aprendizagem deste. Por este motivo, a formação do professor deve ocorrer de forma permanente e para a vida toda. Sempre surgirão novos recursos, novas tecnologias e novas estratégias de ensino e aprendizagem. (JORDÃO, 2009, p.12).

O século XX foi apontado por representar o momento da maior explosão tecnológica vivenciada em toda a história da humanidade, o que tem possibilitado o surgimento de novas formas de aquisição de informação e de

¹ Programa de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos

² Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

³ Secretaria de Estado de Educação do Pará

comunicação. Neste contexto, as palavras do autor supracitado remetem à compreensão de que a consciência do professor em relação à importância de sua formação é condição indispensável para que este possa superar os modelos ultrapassados de educação e buscar, constantemente, adequar suas estratégias de ensino às inovações tecnológicas. Entretanto, necessário se faz não perder de vista que além da consciência e do desejo pessoal de cada educador, há que se pensar que esta formação deve, ainda, se transformar em um direito.

Na tentativa de atender à demanda educacional, o Estado vem investindo na formação inicial e continuada de professores, mas a oferta de vagas dessa formação na área de Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) ainda se apresenta tímida diante do contingente de educadores(as) que almejam se qualificar visando a construção de um profissional com melhores condições de responder, com êxito, aos desafios do cotidiano escolar, às exigências atuais, bem como da intenção em acompanhar as inovações tecnológicas.

Para tanto, muitos educadores, no ímpeto de melhorar suas práticas preferem investir em suas formações, por iniciativa própria e, dessa forma, acabam por abdicar das possibilidades de usufruir dos direitos à formação (inicial e continuada) garantidos na legislação vigente (Constituição da República Federativa do Brasil, de 1988; Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, entre outros dispositivos legais).

Apesar da formação de professores configurar-se, no cenário atual, como necessária à transformação das práticas pedagógicas, as mudanças na realidade educacional parecem ser frágeis e pouco visíveis. Nesse contexto, sentimo-nos motivada a pesquisar as questões que perpassam pela formação de professores no âmbito do uso de tecnologias educacionais e de comunicação e, em especial, os reflexos dessa nova formação no processo ensino – aprendizagem, com o objetivo de investigar se a formação continuada dos professores interfere ou não no ensino aprendizagem dos alunos.

Diante disso surgem no domínio dessa pesquisa as seguintes questões norteadoras: qual a relação entre o processo ensino-aprendizagem do aluno e a formação dos professores para o uso das tecnologias educacionais? A formação continuada dos professores para o uso das mídias se constitui prioridade no espaço escolar? Como os alunos concebem o uso das tecnologias na educação?

A pesquisa foi realizada em uma instituição de ensino em regime de convênio, com a esfera estadual, localizada no município de Abaetetuba, Estado do Pará, a qual, por questões éticas, não será identificada. A motivação que nos levou a escolher esta instituição de ensino e não outra se justifica pelo fato de ser a única unidade de ensino que desenvolve educação tecnológica e profissional no referido município, integrada ao ensino médio, na forma PROEJA, específico na área de informática. Portanto, trata-se do espaço mais adequado à verificação, análise e, possivelmente, com maior necessidade de formação específica de educadores na área de tecnologias educacionais.

No escopo de alcançar os objetivos deste estudo, a investigação se fundamentou nos princípios da pesquisa qualitativa com base no pensamento de Chizotti (2010). Suas definições metodológicas se constituíram em uma pesquisa de campo em forma de estudo de caso, utilizando observações participantes junto aos professores e à coordenação pedagógica, esta técnica, segundo Gatti (2002, p. 12) se constitui como uma das características da atividade científica, pois “a observação é uma das mais importantes fontes de informações em pesquisas qualitativas em educação. Sem acurada observação, não há ciência”. Utilizamos também a técnica de entrevistas semiestruturadas com três professores e com oito alunos, todos os participantes da pesquisa foram identificados por códigos numéricos, a saber: professores receberam a denominação de (professor 1, 2 e 3) e os alunos de (aluno A, B, C, D, E, F, G e H). As entrevistas semiestruturadas, se constituem, conforme Pádua (2000), em um conjunto de questões organizadas pelos pesquisadores acerca do tema pesquisado, mas que permitem e até incentivam o entrevistado a falar mais livremente sobre assuntos que vão surgindo relacionados à temática, possibilitando novas perguntas e maiores informações. Outro instrumento de coleta utilizado foi a aplicação de questionários com 06 professores e 16 alunos. Segundo Severino (2007, p.125), a utilização de questionários é importante porque “se destinam a levantar informações escritas por parte dos sujeitos pesquisados, com vistas a conhecer a opinião dos mesmos sobre os assuntos em estudo”.

A temática consta de uma única seção dividida em duas subseções a qual apresenta reflexões sobre a formação continuada de professores e as Tecnologias da Informação e Comunicação e sua relação com o processo ensino-

aprendizagem dos alunos do Programa de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (PROEJA). Nas subseções trazemos as contribuições dos professores e dos alunos. Nas considerações finais vimos que não é suficiente incorporar as tecnologias à educação, é preciso antes dar condições materiais e formativas para que a escola, os educadores e educandos se apropriem dessas tecnologias a favor da melhoria da qualidade do ensino e da aprendizagem aponta, ainda, alguns desafios aos educadores que acreditam que podem realizar um trabalho inovador, utilizando pedagogicamente os recursos que as novas tecnologias da comunicação e informação trazem para o cenário educacional.

A formação dos professores e as tecnologias midiáticas

A formação quase nunca conduz diretamente à ação inovadora, e é preciso ter consciência deste fato se não quisermos cair em mistificações que nos dificultam uma apropriação interveniente das realidades educacionais (NÓVOA, 1991, 22)

Esta frase de Nóvoa nos faz refletir sobre as vicissitudes na formação do educador, em pleno final da primeira década do século XXI, momento em que já deveríamos desfrutar de uma formação de educadores provida de ações inovadoras, inclusive, materializada pela utilização das novas tecnologias da comunicação e da informação (TICs), em defesa de uma educação libertadora, cidadã, crítica e participativa, capaz de proporcionar aos alunos diferentes leituras do uso das novas tecnologias na sociedade em que vivemos. No entanto, a realidade nos mostra que os alunos, em sua cultura primeira, (expressão utilizada por Gadotti, no texto de apresentação da obra de Orofino (2005, p. 23), para expressar aquela cultura que adquirimos antes ou fora da escola, pela autoformação não metódica e não sistemática) apresentam conhecimentos midiáticos que se sobrepõem aos dos educadores, mesmo que tais conhecimentos possuam tímida consciência crítica acerca das intenções que estão implícitas nas mídias dominantes que estão a serviço do interesse do mercado.

A escola é, por excelência, o espaço onde circulam diferentes culturas, as quais precisam ser acolhidas, refletidas, problematizadas e sistematizadas a

fim de que os alunos, e ainda os profissionais da educação, percebam a escola como um ambiente que integra a sua vida.

Dentre as diferentes culturas que perpassam pela educação está a cultura midiática. Não há como negar que as diferentes culturas extrapolam os limites da escola e estão em toda parte: em casa, nas ruas e nos espaços laborais, trazendo informações de toda espécie. A escola, enquanto espaço social não pode ficar alheia a esta discussão. Não cabe mais no momento atual aquela discussão que as famílias teciam em prol, por exemplo, da não utilização da televisão pelos filhos, como assinala Monteiro e Batista (1998, p.55):

Já está ultrapassada a época em que se discutia a validade e a conveniência da presença da televisão na vida das crianças. Algumas pesquisas indicam que 93 por cento das crianças entre 4 e 10 anos assistem televisão durante mais de três horas por dia. O professor não pode desconsiderar essa realidade: precisa admitir a existência da televisão como elemento de consumo diário dos seus alunos, corresponsável por sua socialização.

A televisão é uma das tantas mídias das quais as crianças, jovens, adolescentes e adultos têm acesso em sua cultura primeira. Mas, na maioria das vezes, quando adentram o espaço escolar parecem estar em um universo alheio à sua realidade. Parece que não conseguimos nos despir das práticas tradicionais que teimam em persistir com a utilização do quadro e giz como únicos recursos facilitadores do ensino e da aprendizagem. Por outro lado, quando nos predispomos a utilizar as tecnologias que estão ao nosso alcance temos dificuldades em relacionar os conhecimentos no âmbito curricular com aqueles de cunho tecnológico, talvez, por fragilidades que alcançam até a nossa própria formação.

Apesar dos investimentos propostos pelo MEC com vistas ao aumento da inclusão tecnológica nas escolas, na prática, a integração das tecnologias da informação e da comunicação à educação ainda se constitui em uma realidade distante das práticas pedagógicas desenvolvidas no ambiente escolar.

Questões desta natureza despertam para a necessidade e urgência de aprofundamentos, estudos e pesquisas sobre formação dos professores, considerando que estes, são os profissionais que estão diretamente envolvidos na aprendizagem dos alunos, corresponsáveis na formação de cidadãos críticos,

participativos e capazes de transformar-se e transformar a própria realidade em que atuam. É importante frisar que este texto não aborda a formação de professores em uma visão romântica, como se a boa formação dos educadores fosse o suficiente para ter-se uma educação de boa qualidade. Antes disso, compreendemos que a formação do professor com qualidade pode suscitar nos alunos a consciência crítica e libertadora acerca das próprias condições em que estes vivem como assinala Freire (1996, p. 86), quando afirma: “não posso estar no mundo de luvas nas mãos *constatando* apenas. A acomodação em mim é apenas caminho para a inserção, que implica decisão, escolha, intervenção na realidade”. Nas considerações a seguir, apresentamos as contribuições dos professores a respeito do que pensam sobre o uso das tecnologias na educação.

As percepções dos professores

Os professores participantes da pesquisa concordam que as novas tecnologias trouxeram muitos benefícios à educação, mas são unânimes em afirmar que há necessidade de maiores investimentos em suas formações para que os mesmos possam utilizar a tecnologia a favor da melhoria da qualidade do ensino. Quando interrogados sobre como a escola deve lidar com as novas tecnologias e com o acelerado processo de mudanças por elas proporcionadas obtivemos as seguintes respostas:

Chega um recurso novo na escola, um equipamento que ninguém viu fazer uma formação com todos eles, inclusive com os funcionários. Ela deve preparar os funcionários pra isso, então se não tiver ninguém preparado chama alguém que já conhece, ou então um pouquinho que sabe pode ajudar o outro, deve estimular mesmo os professores a não terem medo desses métodos novos, o que acontece com alguns funcionários, professores, nós em geral, tememos o novo, o desconhecido isso acontece muito com a tecnologia (professor 1).

Eu acho que é muito legal trabalhar com as tecnologias, mas antes da gente colocar a gente pode trabalhar com o nosso professor porque não adianta simplesmente a gente jogar. Hoje em dia a gente está tentando colocar..., dia de quarta-feira são os nossos alunos que vêm dar aula para o professor, os alunos que estão saindo agora do subseqüente e mostrar que isso não é nenhum bicho de sete cabeças (professor 4).

Nas entrelinhas das falas dos professores pesquisados duas coisas nos chamam a atenção, primeiro: o reconhecimento de que a formação do educador não se encerra na formação inicial, visto que estes percebem e sentem necessidade da formação continuada em serviço, na troca de informações sobre tecnologias com os colegas no ambiente de trabalho e com os próprios alunos durante a prática docente. Santos (2010, p. 14) comunga desta ideia quando afirma: “Na escola, os professores podem aprender muito com os alunos, principalmente na questão do uso.” Em segundo lugar, os professores pesquisados percebem que deve haver uma predisposição por parte dos próprios educadores ao novo, ao desconhecido. A pesquisa revelou, também, que um dos entraves enfrentados pelos professores é o medo de operar os recursos que a escola possui.

A escola pesquisada dispõe de recursos bastante inovadores, em quantidade e qualidade suficiente à prática pedagógica os quais se sobrepõem, inclusive, à maioria das outras escolas da rede pública de ensino local. Em virtude de a Escola pesquisada ter como Mantenedora a Diocese de Abaetetuba, muitos recursos são adquiridos com investimentos próprios e, por ser uma Escola Tecnológica, a própria estrutura dos cursos oferecidos exige equipamentos adequados. Este é um dado favorável à escola pesquisada, pois os próprios educadores reconhecem:

Aqui em Abaetetuba a gente não vê, a gente vê escolas com data show, mas com todo esse aparato não. Escola que tem quadro digital eu acho que é só a nossa, a gente tem salas climatizadas, então a nossa estrutura aqui, indiscutivelmente, é uma das melhores se não a melhor do município e em relação às escolas públicas, a minha vida estudantil foi toda em escola pública e eu nunca vi e nunca se utilizou um desses recursos aí, os recursos que se utilizava era sons, quando não, a gente ia pra sala de vídeo, vê um vídeo, mas no geral a gente não tem esse aparato todo que tem aqui (professor 1).

Embora a escola pesquisada seja beneficiada com um acervo tecnológico bastante atualizado, os professores não se sentem totalmente preparados, pois estes, sabiamente, reconhecem que a questão da formação é um processo contínuo e permanente e, ainda, com o acelerado processo de inovação das tecnologias, os recursos que hoje são novos, amanhã já não o são. Relatos dos professores corroboram com tal afirmativa: “Eu não me sinto

preparada, eu estou num processo de preparação porque a cada dia a tecnologia é renovada, então surgem recursos novos para serem utilizados” (professora 2). Torna-se imprescindível que os professores se reconheçam como seres inacabados, incompletos, parafraseando Freire (1996, p.76) quando diz “O mundo não é. O mundo está sendo” podemos dizer também que “o professor não é, o professor está sendo”.

A sensatez demonstrada pela professora 2 na citação acima, pode ser uma oportunidade que a escola dispõe para investir na formação dos educadores que acreditam na educação, pois reconhecem suas incompletudes. Sobre o assunto, Moran (2005, p. 12), contribui ao afirmar que:

Quanto mais avança a tecnologia, mais se torna importante termos educadores maduros intelectual e emocionalmente, pessoas curiosas, entusiasmadas, abertas, que saibam motivar e dialogar. Pessoas com as quais valha a pena entrar em contato, porque dele saímos enriquecidos.

Os professores têm consciência que a melhoria da qualidade do ensino é algo que não depende somente da boa vontade de cada um, mas envolve outras instâncias além da escola. Quando pedimos sugestões aos professores sobre como envolvê-los mais utilizando as TICs. Obtivemos as seguintes respostas:

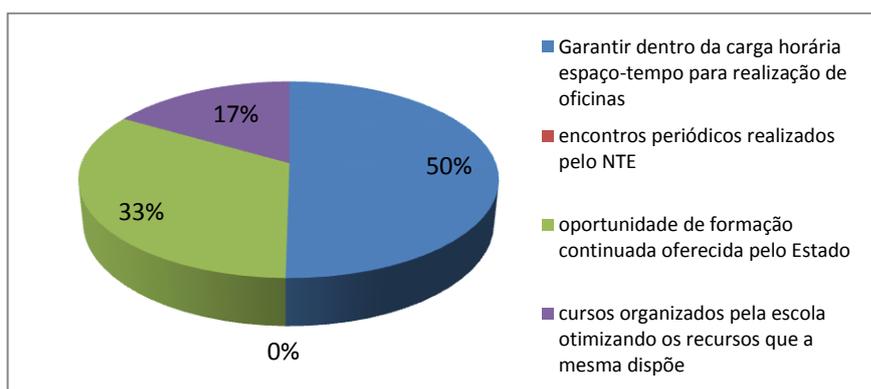


Figura 1. Sugestões dos professores referentes ao envolvimento deles no uso das TICs. Pesquisa em ação realizada em 2010.

Vimos, portanto, que apesar de todo o aparato tecnológico que possui a escola pesquisada, os professores carecem de formação contínua, formação que não pode se dá somente nos momentos em que se faz algum encontro de capacitação, muito menos pode ser somente uma atividade de iniciativa pessoal

dos professores. A formação deve percorrer toda a vida profissional do professor e ser um direito garantido em lei.

As contribuições dos alunos

O que é diferente acerca do estudante adulto é a experiência que ele traz para a relação. A experiência modifica, às vezes de maneira sutil e às vezes mais radicalmente, todo o processo educacional; influencia os métodos de ensino, a seleção e o aperfeiçoamento dos mestres e do currículo, podendo até mesmo revelar pontos fracos ou omissos nas disciplinas acadêmicas tradicionais e levar à elaboração de novas áreas de estudo (Thompson 2002, p13).

A educação com jovens e adultos exige cuidados especiais que não estão explícitos a primeira vista, mas que merece toda nossa atenção. Quando temos a oportunidade de trabalhar com essa parcela da sociedade que foi excluída do processo de escolarização por questões internas e externas à escola vemos quantos sonhos, quantas histórias esses jovens e adultos trazem para o ambiente escolar fruto das experiências vivenciadas fora da escola enquanto labutam pela sobrevivência, o fato de retornarem significa que ainda acreditam que podem mudar a realidade em que vivem e o caminho que consideram mais seguro é a educação.

É por essa razão que ao se trabalhar com a educação de jovens e adultos precisa ser levado em consideração suas especificidades, pois estes por terem se ausentado durante anos do sistema educacional brasileiro ficaram alheios dos atuais processos de ensino, modifica-se o currículo, os processos avaliativos, as metodologias de ensino, os aparatos tecnológicos. A escola tem o compromisso social de acolher, garantir permanência com sucesso e potencializar os saberes vivenciados pelos jovens e adultos fora dela, enquanto estiveram ausentes. Pois os mesmos reconhecem que a educação é um processo em permanente mudança e que as inovações contribuem para facilitar a aprendizagem:

Sim, eu acho que sim porque antes os nossos pais eles não tinham toda essa coisa que os professores têm de trazer o computador pra sala, data show, eu acho que isso nos ajuda bastante porque o nosso tempo é mais utilizado porque os nossos professores nos explicam melhor, a gente pode entender

melhor, a gente vê figuras, a gente vê várias coisas assim, com certeza trouxe muitos benefícios para a nossa educação. (aluno D).

Quando eu estudei há vinte anos atrás que eu voltei agora a estudar está totalmente melhor o estudo naquela época a gente tinha que estudar, tirar aquela nota 10 agora não, os professores ajudam, passam trabalho a gente tem o conselho de classe e também tem a parceria da escola, da frequência da gente. (aluno B).

É louvável perceber que apesar de todo o processo de exclusão a que essa parcela da sociedade foi submetida, há muita expectativa em torno de suas aprendizagens. Nas observações percebemos que eles atribuem ao curso que estão fazendo a chance que terão de ingressar como profissionais no mercado de trabalho. Para os alunos do PROEJA esta parece ser uma das poucas oportunidades de oferta de ensino destinada a modalidade de educação de jovens e adultos que se apresenta com o propósito de um ensino que visa superar a dicotomia entre o saber propedêutico, reservado às elites intelectuais e o saber técnico, voltado ao trabalho manual destinado aos desfavorecidos economicamente.

A pesquisa revelou ainda que os alunos do PROEJA apesar de estarem ausentes por um certo tempo do convívio escolar conseguem definir muito bem nos tempos atuais qual a forma mais adequada de aprender. Quando interrogados sobre que avaliação faziam do uso das TICs na prática pedagógica dos professores, unanimemente eles responderam:

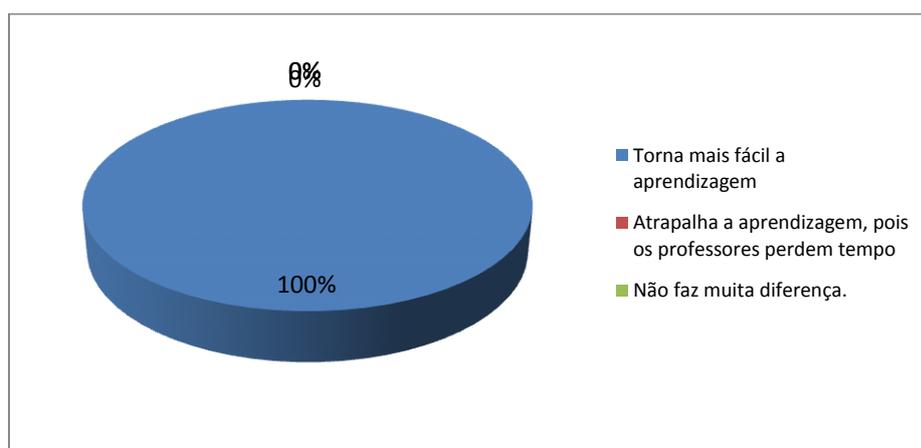


Figura 2. Avaliação dos alunos sobre o uso das TICs pelos professores. Pesquisa em ação realizada em 2010.

A pesquisa demonstrou que a condição social dos alunos é fator que contribui para que os mesmos apresentem mais dificuldades para interagir com as

TICs, nos relatos da aluna B fica explícito que a mesma só tem a oportunidade de ter contato com o computador no ambiente escolar:

Quando eu cheguei aqui eu não sabia nada nem mexer como é que fala naquele negócio que roda aqui, o mouse, a minha mão era dura, eu não sabia nada, mas graças a Deus eu já sei ligar, desligar, sei entrar na internet, por quê? Porque não tenho computador, mas graças a Deus pra que eu era eu já tô muito melhor.

Esta realidade é da maioria dos alunos que estudam no PROEJA, que dizem ser na escola sua maior fonte de pesquisa, como podemos constatar na figura 3:

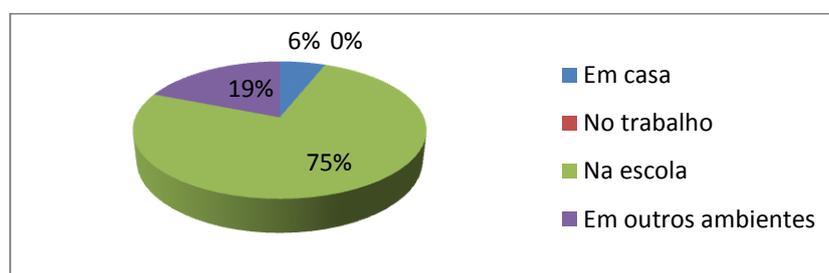


Figura 3. Maior contato dos alunos com as TICs. Pesquisa em ação realizada em 2010.

Neste sentido, ao pensarmos na educação dos jovens do PROEJA não podemos fazê-lo ignorando sua realidade, sua história, seus saberes, nem tão pouco associá-los aos alunos de outras classes porque eles precisam ser respeitados em suas diferenças, em seu ritmo de aprendizagem, mas com as mesmas oportunidades que os outros. Acreditar no potencial desses alunos e defender seus direitos deve ser compromisso de todo educador comprometido com a sua profissão.

Considerações finais

A pesquisa revelou que não é suficiente apenas incorporar as TICs à educação, antes, é preciso desenvolver um trabalho integrador consistente e educativo. É relevante considerar alguns desafios visualizados a partir dos resultados obtidos na pesquisa, entre os quais: investimento na formação dos professores. De nada adianta escolas equipadas com recursos tecnológicos de última geração se não houver investimento na formação continuada dos

professores para utilizar esses recursos como meios capazes de transformar a escola e modificar e inovar o ensino e a aprendizagem. Os professores se mostraram sensíveis à formação, mas é preciso que essa formação seja garantida pelo Estado como política pública e não apenas como fruto de iniciativa própria dos professores, como vem acontecendo; o segundo desafio é fazer com que essa formação se encaminhe para uma integração de forma equilibrada, humana, ética e afetiva. A pesquisa revelou que a maioria dos alunos 75% só tem acesso ao computador na hora de realizar os trabalhos na escola. Neste sentido, as instituições educacionais devem estar atentas às necessidades da comunidade estudantil democratizar os espaços educativos, como: infocentros, laboratórios, vídeos para que os alunos se sintam incluídos, criem gosto pelos estudos e avancem nas pesquisas; e por último, a garantia de acesso às diferentes mídias por todas as escolas, pois percebemos que ainda há uma carência muito grande principalmente nas escolas do interior dos estados, nos referimos principalmente ao Pará. A escola pesquisada é uma exceção no município, em termos de aparatos tecnológicos, mas de modo geral as escolas do interior são desprovidas dessas tecnologias o que contribui para que os educadores deixem de realizar um trabalho mais dinâmico, consistente e integrador.

Este trabalho não tem um fim em si mesmo, é apenas um “tijolo” que está sendo colocado na tentativa de construirmos uma educação que atenda aos interesses dos alunos, principais sujeitos do processo educativo. Para isso, precisamos ser “arquitetos e construtores” desta nova forma de fazer educação. Precisamos deixar impressas em nossas ações as marcas de um trabalho educacional construtivo que sirva de base às transformações que a sociedade espera de nós.

Referências

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, Senado Federal: 1988. Disponível em <http://www.alep.pr.gov.br/system/files/corpo/Con1988br>. Acesso em 18/01/2011

_____. Ministério da Educação e Cultura. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9394/96, Brasília Distrito Federal / MEC, 1996.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 11 ed. – São Paulo: Cortez, 2010. – (Biblioteca da educação. Série 1. Escola; v.16).

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GATTI, Bernardete Angelina. **A construção da pesquisa em educação no Brasil**. Brasília: Plano Editora, 2002. (Série Pesquisa em Educação).

JORDÃO, Teresa Cristina. Formação de educadores. A formação do professor para a educação em um mundo digital. In: **Salto para o futuro**. Tecnologias digitais na educação. Ano XIX, boletim 19. Nov-dez. 2009.

MONTEIRO, Marialva; BATISTA, Lucinéia. **Trama do Olhar**. Brasília : Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação a Distância,1998. 63 p. (Cadernos da TV Escola. Trama do Olhar, n. 1).

MORAN, José Manuel. **As múltiplas formas de aprender**. Revista Atividades & Experiências. Julho 2005.

NÓVOA, Antonio (Org.). Concepções e práticas de formação contínua de professores. In: Universidade de Aveiro. **Formação contínua de professores realidades e perspectivas**. Aveiro: PO, 1991.

OROFINO, Maria Isabel. **Mídias e mediação escolar: pedagogia dos meios, participação e visibilidade**. São Paulo:Cortez , 2005.

PÁDUA, Elisabete Matallo Marshesini de. **Metodologia da pesquisa: abordagem teórico-prática**. Campinas: Papyrus, 2000.

SANTOS, Edmeia. Tecnologias de comunicação atingindo a escola. **Revista Mundo Jovem: um jornal de ideias**. Ano 48. nº 411. Outubro, 2010.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2007.

THOMPSON, E.P. Educação e experiência. In: THOMPSON, E.P. **Os românticos: a Inglaterra na era revolucionária**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2002.